

Produzir Cultura, Gerar Futuro: Afroempreendedorismo e Juventude Negra na Cultura Popular Pernambucana

Palavras-chave: afroempreendedorismo; juventude negra; cultura popular; economia criativa; identidade racial.

Resumo

Este relato apresenta reflexões a partir da trajetória de uma jovem mulher negra pernambucana que atua como produtora cultural no campo da cultura popular. A experiência demonstra como o afroempreendedorismo, a economia criativa e a organização coletiva têm contribuído para o fortalecimento da identidade racial, a geração de renda e a ampliação de oportunidades para a juventude negra. A partir das vivências nos territórios populares e da convivência com mestres e mestras da cultura, o texto evidencia a cultura popular como instrumento de resistência, desenvolvimento comunitário e enfrentamento ao racismo.

Produzir Cultura, Gerar Futuro

Meu nome é Erika Waléria. Sou uma jovem mulher negra, produtora cultural e filha de um território onde a cultura popular não é apenas manifestação artística, mas uma forma de existir, resistir e construir futuro. Minha trajetória foi construída entre rodas de ciranda, grupos de coco, encontros comunitários, festivais culturais e o convívio com mestres e mestras que carregam conhecimentos ancestrais fundamentais para a formação da identidade do povo pernambucano.

Foi nesse caminho que compreendi que produzir cultura vai muito além da realização de eventos. Produzir cultura é criar oportunidades. É conectar pessoas, fortalecer comunidades, preservar memórias e construir pontes entre tradição e futuro. É também uma forma de afroempreendedorismo, pois transforma criatividade, conhecimento e pertencimento em trabalho, renda e desenvolvimento para os territórios.

A juventude está em toda parte.

Está nas diretorias dos grupos culturais, nas associações, nos coletivos, nas quadrilhas, nos maracatus, nas cirandas, nos cocos e nos festivais. Mas a juventude negra não está apenas ocupando espaços; ela está fazendo a cultura acontecer. Somos nós que escrevemos projetos, organizamos documentos, produzimos eventos, mobilizamos comunidades, administramos redes sociais, buscamos recursos e executamos ações culturais nos territórios.

Muitas vezes, também somos a ponte entre os fazedores de cultura e o acesso à informação. Somos aqueles que ajudam mestres e mestras a compreender editais, preencher formulários, utilizar

ferramentas digitais e acessar políticas públicas. Somos os que traduzem a burocracia para quem sempre produziu cultura com as próprias mãos, mas nem sempre teve acesso às oportunidades que deveriam chegar a todos.

E quantos de nós não somos também filhos e filhas dos canaviais?

Quantos de nós não carregamos nas nossas histórias as marcas dos engenhos, do trabalho duro e das desigualdades que atravessam gerações? Muitos dos jovens que hoje produzem cultura popular são descendentes de trabalhadores rurais, cortadores de cana, agricultores e trabalhadoras que construíram suas vidas com esforço e resistência. Somos parte dessa história.

Saímos dos engenhos, das periferias e das comunidades para construir uma cultura popular igualmente resistente. Uma cultura que não aceita desaparecer. Uma cultura que continua cantando, dançando, tocando e ensinando, mesmo diante da falta de investimentos e do pouco reconhecimento.

Como produtora cultural, compreendo que meu trabalho também é criar oportunidades para aqueles que historicamente ficaram à margem dos grandes espaços. Muitos artistas da cultura popular não são contratados para os principais ciclos festivos do nosso estado. Muitos mestres e mestras, detentores de conhecimentos ancestrais fundamentais para a identidade cultural pernambucana, recebem cachês insuficientes e ainda enfrentam dificuldades para manter suas atividades.

Por isso, construir festivais, encontros culturais, ações formativas e projetos comunitários é também um ato de valorização. É criar espaços para que esses artistas possam trabalhar, gerar renda, apresentar seus saberes e manter vivas as tradições que herdamos. É garantir que a cultura popular não seja apenas lembrada em discursos, mas efetivamente reconhecida como trabalho, patrimônio e fonte de desenvolvimento para nossas comunidades.

Ao longo da minha trajetória, percebi que a economia criativa possui um enorme potencial para transformar realidades. Cada evento realizado movimenta uma cadeia produtiva que envolve artistas, músicos, artesãos, costureiras, técnicos, produtores, comunicadores e comerciantes locais. A cultura gera trabalho. A cultura gera renda. A cultura movimenta os territórios.

Mas ela também produz algo ainda mais valioso: autoestima, pertencimento e identidade. Em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, ver jovens negros ocupando espaços de liderança, coordenação e criação é fundamental para que outras pessoas negras reconheçam suas próprias potencialidades. Quando um jovem negro assume a organização de um festival, coordena um projeto ou lidera uma iniciativa cultural, ele demonstra que nossos lugares não são apenas os que historicamente nos foram destinados. Também nos pertencem os espaços de gestão, planejamento e decisão.

As reflexões aqui apresentadas não nascem apenas da minha experiência profissional. Elas são resultado dos ensinamentos compartilhados por mestres e mestras da cultura popular, das vivências construídas nos territórios periféricos, das trocas realizadas com artistas, produtores culturais, movimentos sociais e coletivos juvenis. São saberes transmitidos pela oralidade, pela convivência e pela prática cotidiana, formas legítimas de produção de conhecimento que carregam a memória e a resistência do povo negro.

A cultura popular me ensinou que ninguém constrói nada sozinho. Assim como numa roda de ciranda, onde cada pessoa é essencial para manter o movimento, a transformação social também depende da organização coletiva. É na união entre juventude, comunidade, artistas, fazedores de cultura e lideranças populares que encontramos força para enfrentar desigualdades e construir novas possibilidades.

Acredito que investir na juventude negra que atua na cultura popular é investir no futuro. Somos uma geração que preserva a memória dos nossos ancestrais ao mesmo tempo em que aprende novas ferramentas para ampliar seu alcance. Somos a geração que conecta tradição e inovação. Somos a geração que transforma cultura em oportunidade, pertencimento e resistência.

Produzir cultura, para mim, é produzir futuro. É lutar para que nossos mestres e mestras sejam valorizados. É garantir que artistas populares tenham trabalho e reconhecimento. É fortalecer identidades negras, combater o racismo e ampliar oportunidades para as próximas gerações. É fazer da cultura popular não apenas uma herança do passado, mas uma ferramenta viva de transformação social, econômica e humana.

Referências e Fontes de Conhecimento

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas Lutas por Emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Fontes orais e saberes tradicionais compartilhados por mestres e mestras da cultura popular pernambucana, artistas, produtores culturais e lideranças comunitárias participantes de festivais, encontros culturais e ações formativas vivenciadas pela autora. Experiências empíricas acumuladas pela autora em sua atuação como produtora cultural junto a projetos de cultura popular, juventude, economia criativa e fortalecimento comunitário em Pernambuco.

